SUMÁRIO

Agradecimentos 9

Introdução: O ressoar do pânico por trás de todas as coisas 11

Primeira parte
Entendendo a fornalha 21

um
As culturas do sofrimento 23

dois
A vitória do cristianismo 47

três
O desafio à perspectiva secular 79

quatro
O problema do mal 101

Segunda parte
Enfrentando a fornalha 129

cinco
O desafio à fé 131

seis
A soberania de Deus 147

sete
O sofrimento de Deus 165

oito
A razão para o sofrimento 181

NOVE
Aprendendo a caminhar.....205

DEZ
As variedades de sofrimento 225

Terceira parte
Caminhando com Deus na fornalha.....243

ONZE
Caminhando 245

DOZE
Chorando.....261

TREZE
Confiando 275

CATORZE
Orando 289

QUINZE
Pensando, agradecendo, amando 313

DEZESSEIS
Mantendo a esperança 333

Epílogo.....341

AGRADECIMENTOS

Como de costume, desejo agradecer aos amigos que, de várias maneiras, possibilitam a mim e à minha esposa, Kathy, nos ausentarmos a cada ano durante três semanas para escrever. Lynn Land, Tim e Mary Courtney Brooks, e Janice Worth se desdobram todos os anos para nos proporcionar essas semanas ininterruptas. Também quero agradecer à equipe que me ajuda no ministério da Redeemer Presbyterian Church: Bruce Terrell, Craig Ellis e Andi Brindley. Por causa deles, sou mais produtivo e competente em meu trabalho do que jamais seria trabalhando sozinho; por causa deles, tenho tempo para escrever enquanto lidero uma igreja grande e incrível. Também devo muito à igreja de Hopewell, na Virgínia, onde pastoreei de meados de 1970 a meados de 1980. Essa igreja foi muito paciente e solidária com um pastor novo e inexperiente, e foi ali que Kathy e eu aprendemos a caminhar com pessoas que enfrentavam dor, perda, morte e escuridão.

INTRODUÇÃO

O ressoar do pânico por trás de todas as coisas

> Acho que levar a vida a sério é mais ou menos isto: qualquer coisa que a pessoa faça neste planeta tem de ser feita no contexto da verdade em que se vive, a do terror da criação... a do ressoar do pânico que está por trás de todas as coisas. Caso contrário, é fingimento.
>
> Ernest Becker, *The denial of death*[1]

> Bendirei o Senhor em todo o tempo; seu louvor estará sempre nos meus lábios. Minha alma se gloriará no Senhor; os aflitos ouvirão isso e se alegrarão. Engrandecei o Senhor comigo e juntos exaltemos seu nome.[2]
>
> Salmos 34.1-3

O sofrimento está por todos os lados, é inevitável e de um alcance muitas vezes avassalador. Se você passar uma hora lendo este livro, mais de cinco crianças ao redor do mundo terão morrido em consequência de abuso e violência durante esse período de tempo.[3] Se passar o dia inteiro lendo, mais de cem crianças terão sido vítimas de morte violenta. Mas essa, evidentemente, é apenas uma das incontáveis formas que o sofrimento assume. De hora em hora, milhares de pessoas morrem vítimas de acidente de trânsito

[1]Ernest Becker, *The denial of death* (Free Press, 1973), p. 283-4 [edição em português: *A negação da morte* (Rio de Janeiro: Record, 2007)].

[2]Eu e Kathy recitamos esse texto em nossa cerimônia de casamento, enfatizando que chamávamos um ao outro a uma vida juntos de "engrandecimento ao Senhor".

[3]De acordo com a Organização Mundial de Saúde, citada em *The Independent*, disponível em: www.independent.co.uk/news/world/politics/un-report-uncovers-global-child-abuse-419700.html.

ou de câncer, e centenas de milhares recebem a notícia da morte repentina de alguém que amam. É como se uma pequena cidade desaparecesse do mapa todos os dias, deixando familiares e amigos totalmente desolados.

Quando um número muito alto de mortes acontece de uma só vez, como no caso do ciclone Bhola, que atingiu Bangladesh em 1970, do tsunami no oceano Índico em 2004 ou do terremoto no Haiti em 2010 — catástrofes que, por si só, mataram trezentas mil pessoas ou mais de uma única vez —, as manchetes se espalham pelo mundo e todos ficam chocados com a tragédia. No entanto, as estatísticas enganam. Na verdade, essas calamidades históricas não alteram de fato as proporções do sofrimento. Dezenas de milhares de pessoas morrem todos os dias em tragédias inesperadas, e centenas de milhares são esmagadas pela tristeza e pelo choque. Mas a maioria das tragédias não chega aos noticiários porque a dor e as aflições são normais neste mundo.

Shakespeare captou a essência disso tudo ao escrever:

> A cada nova manhã
> novas viúvas pranteiam, novos órfãos choram,
> novos lamentos golpeiam a face do céu.[4]

O mal e o sofrimento são tão difundidos que nem sequer ficamos perturbados ao ler estatísticas como as que citei. Mas deveríamos. O escritor Ernest Becker discorreu sobre o perigo de negarmos as mazelas da vida e o caráter aleatório do sofrimento. Quando ouvimos sobre uma tragédia, um profundo mecanismo psicológico de defesa entra em ação. Dizemos a nós mesmos que essas tragédias acontecem com os outros, com gente pobre ou desprevenida. Ou nos convencemos de que, se elegermos os políticos certos e endireitarmos o sistema social, nada assim se repetirá.

Contudo, Becker acreditava que esse tipo de raciocínio não "leva a vida a sério" ou não admite o "contexto da verdade em que se vive, a do terror da criação... a do ressoar do pânico que está por detrás de todas as coisas".[5] Esse pânico vem da morte. A morte, irredutivelmente imprevisível e inexorável.

Essa mesma mensagem se extrai de um artigo publicado pela revista *The New York Times* durante o episodio do "franco atirador de Washington",

[4]William Shakespeare, *Macbeth*, ato 4, cena 3. Proferido por Macduff.

[5]Becker, *Denial of death*, p. 283-4.

ocasião em que um homem assassinou várias pessoas, na capital dos Estados Unidos, em ataques, ao que parece, completamente aleatórios e que não eram motivados por raça nem por idade. Ann Patchett escreveu:

> Buscamos sempre uma explicação para um assassinato com o objetivo de mantê-lo distante de nós: não me encaixo nessa descrição; não moro nessa cidade; eu jamais frequentaria um lugar desses nem conheceria uma pessoa dessas. Mas o que acontece quando não há uma descrição, um local, um perfil das pessoas envolvidas? Onde buscamos nossa paz de espírito?...
>
> A verdade é que adiar a própria morte é um dos passatempos nacionais favoritos. Seja com exercícios físicos, seja com checagem do colesterol, seja com mamografia anual, vivemos nos protegendo da mortalidade. Traçamos um perfil e descobrimos formas de não nos encaixar nele. No entanto, um franco atirador que dá um único tiro, certeiro, não contra uma multidão, mas, contra quem atravessar seu campo de visão, lembra-nos da realidade horrorosa da própria morte. Apesar das nossas melhores intenções, ela ainda é, na maioria das vezes, aleatória.
>
> E, com toda certeza, está chegando.[6]

Patchett e Becker explicaram as formas que normalmente usamos para negar o ressoar do pânico. Este livro é um esforço para fazer o que eles recomendam com insistência: levar a vida a sério. Quero ajudar os leitores a viver bem e até mesmo com alegria diante dessas realidades terríveis. A perda de pessoas amadas, as doenças debilitantes e fatais, a traição pessoal, as reviravoltas financeiras e os fracassos morais — todas essas coisas um dia o atingirão se você tiver uma longevidade normal. Ninguém está imune.

Assim, não importam nossas precauções, quanto nos esforçamos para ter uma vida boa nem quanto nos empenhamos para ser saudáveis, para ficar ricos, para viver bem com familiares e amigos, para ser bem-sucedidos na profissão — inevitavelmente, algo arruinará isso. Não há dinheiro, poder nem planejamento capazes de impedir que o luto, uma doença terrível, uma traição, um desastre financeiro ou uma infinidade de outros problemas entrem em sua vida. A vida humana é inevitavelmente frágil e sujeita a forças que estão além do nosso poder de controlá-las. A vida é trágica.

Sabemos disso por intuição, e aqueles que enfrentam o desafio do sofrimento e da dor sabem muito bem que é impossível fazê-lo exclusivamente

[6]Ann Patchett, "Scared senseless", *The New York Times Magazine*, October 20, 2002.

com as próprias forças e nada mais. Todos precisamos de apoio, se não quisermos sucumbir ao desespero. Neste livro, defenderemos que esse apoio tem de ser necessariamente espiritual.

"Os aflitos ouvirão e se alegrarão"

Quando Kathy e eu nos casamos, fizemos nossos votos diante de amigos e familiares. Além das promessas tradicionais, acrescentamos uma passagem bíblica — Salmo 34.1-3 — cuja citação está gravada no interior de nossas alianças.

> Bendirei o SENHOR em todo o tempo; seu louvor estará sempre nos meus lábios.
> Minha alma se gloriará no SENHOR; os aflitos ouvirão isso e se alegrarão.
> Engrandecei o SENHOR comigo e juntos exaltemos seu nome.

O momento dos votos foi emocionante e intensificado pelas palavras sublimes do versículo. Estávamos embarcando juntos numa vida inteira de ministério cristão e planejávamos testemunhar corajosamente ao mundo sobre o Deus que conhecíamos. Mas, naquela ocasião, praticamente ignoramos as palavras no meio do versículo. A definição que o texto faz de ministério bem-sucedido é que "os aflitos ouvirão isso e se alegrarão". Um dos motivos pelos quais a frase nos passou despercebida foi porque, como Kathy explicou mais tarde, "tínhamos pouca idade, e não havíamos sofrido sequer por uma unha encravada". Éramos jovens, e a arrogância da juventude não prevê dor e sofrimento. Não sabíamos quase nada sobre a grande importância de levar as pessoas a entender e enfrentar a aflição nem como nós mesmos poderíamos enfrentá-la bem.

No início do ministério tentei compreender por que tantas pessoas resistiam e rejeitavam a Deus. Logo percebi que talvez o motivo principal fosse a aflição e o sofrimento. Como um Deus bom, um Deus justo, um Deus amoroso permitia tanta infelicidade, perversidade, dor e angústia? As dúvidas na mente podem crescer junto com a dor no coração. Ao conversar com pessoas que sofriam, muitas vezes me vi respondendo a críticas mordazes contra a existência de Deus e a fé cristã. Há alguns anos uma atriz de cinema foi entrevistada depois de perder o namorado, morto em um acidente. A moça vivia há muito tempo sem pensar em Deus nem levá-lo em conta, mas, depois que isso aconteceu, ela disse: "Como um Deus amoroso

permite que algo assim aconteça?". Num piscar de olhos, ela passou da indiferença para a ira em relação a Deus.[7] É esse tipo de experiência que leva um batalhão de pensadores a argumentar, como é o caso da escritora Stendhal (Marie-Henry Beyle), que "a única justificativa para Deus é ele não existir".[8]

No entanto, também descobri que muitas pessoas *encontram* Deus na aflição e no sofrimento. Elas constataram que a adversidade as impulsiona para perto de Deus, e não para longe dele. Os tempos difíceis despertam essas pessoas do sono fantasmagórico da autossuficiência espiritual e levam-nas a uma busca sincera do divino. O sofrimento "finca a bandeira da verdade dentro da fortaleza da alma rebelde".[9] É exagero afirmar que ninguém encontra Deus a não ser por meio do sofrimento — mas não é tanto exagero assim. Quando o sofrimento e a dor nos afligem, acabamos percebendo que não estamos no controle de nossa vidas nem nunca estivemos.

Com o passar do tempo, também entendi que a adversidade faz mais do que levar as pessoas a acreditar na existência de Deus. Ela leva os que creem nele a uma experiência mais profunda da realidade, do amor e da graça de Deus. Um dos meios mais eficazes de abandonarmos um conhecimento abstrato de Deus e de termos um encontro pessoal com ele como uma realidade viva é a fornalha da aflição. Como diz a famosa frase de C. S. Lewis, "Deus sussurra em nossas alegrias, fala em nossa consciência, mas grita em nosso sofrimento".[10] Os crentes compreendem racionalmente muitas verdades doutrinárias, mas essas verdades raramente chegam até o coração, exceto na decepção, no fracasso e na perda. Como me disse certa vez um senhor que estava à beira de perder a carreira profissional e a família: "Na teoria, eu sempre soube que 'Jesus é tudo o que alguém precisa' para seguir adiante. Mas ninguém sabe de verdade que Jesus é tudo do que a pessoa precisa até que Jesus seja a única coisa que lhe resta".

[7]Relatado por Philip Yancey em *Where is God when it hurts?* (Zondervan, 2002), p. 77 [edição em português: *Onde está Deus quando chega a dor?* (São Paulo: Vida, 2005)].

[8]Robert Andrews, *The concise Columbia dictionary of quotations* (Columbia University Press, 1989), p. 125.

[9]C. S. Lewis, *The problem of pain* (Harper, 2001), p. 94 [edição em português: *O problema do sofrimento* (São Paulo: Vida, 2006)].

[10]Ibidem, p. 91.

Por fim, à medida que minha compreensão da Bíblia aumentava, passei a notar que a realidade do sofrimento é um de seus temas principais. O livro de Gênesis começa com a narrativa de como o mal e a morte entraram no mundo. Êxodo relata os quarenta anos de Israel no deserto, um tempo de testes e provações intensos. A literatura de sabedoria do Antigo Testamento é amplamente dedicada à questão do sofrimento. O livro de Salmos apresenta uma oração para cada situação possível na vida, e é impressionante como está repleto de lamentos de dor e de perguntas diretas a Deus sobre a aparente casualidade e injustiça do sofrimento. O autor do salmo 44 contempla a devastação de seu país e clama: "Desperta! Por que dormes, Senhor? Acorda!... Por que escondes o rosto e te esqueces da nossa tribulação e da nossa angústia?" (v. 23,24). Os livros de Jó e Eclesiastes são quase inteiramente dedicados à profunda reflexão sobre o sofrimento injusto e a frustrante inutilidade que caracteriza boa parte da vida. Os profetas Jeremias e Habacuque expressam de forma pungente o clamor humano de que o mal parece dominar a história. Livros do Novo Testamento, como Hebreus e 1Pedro, são quase totalmente dedicados a ajudar as pessoas a lidar com problemas e sofrimentos implacáveis. E, dominando tudo isso, a figura central da Bíblia inteira: Jesus Cristo, um homem de dores. A Bíblia, portanto, também trata do sofrimento, tanto quanto de qualquer outro assunto.

Como era inevitável, Kathy e eu acabamos deparando com nosso próprio sofrimento. Em 2002, fui diagnosticado com câncer da tireoide, passei por cirurgia e tratamento. Quase na mesma época, a síndrome de Crohn que incomodava minha esposa se tornou aguda, e Kathy necessitou de várias cirurgias durante alguns anos; uma vez, foram sete num único ano. A certa altura, cogitei a agonizante possibilidade de abandonar o ministério pastoral por causa da doença crônica de minha esposa. Foi a época mais sombria de nossas vidas até aqui. E temos certeza, pela Bíblia e por experiência pessoal, que ainda enfrentaremos outros períodos sombrios. Mas também teremos mais alegrias do que hoje podemos imaginar.

Avaliando nossa história, Kathy e eu concluímos que o sofrimento se encontra no âmago da descrença *e* da crença em Deus, do motivo de as pessoas regredirem *ou* amadurecerem em caráter, de como Deus se torna menos real *ou* mais real para elas. E quando estudamos a Bíblia buscando entender esse padrão profundo, descobrimos que o grande tema da Bíblia é

como Deus traz alegria plena não só apesar do sofrimento, mas *através* dele, assim como Jesus nos salvou não apesar do que sofreu na cruz, mas *por causa* disso. Existe, portanto, uma alegria peculiar, rica e tocante que parece nos alcançar somente no sofrimento e por meio dele.

Tudo o que aprendemos nesses anos de ministério com "os aflitos" é apresentado neste livro. Simone Weil escreve que o sofrimento faz Deus "parecer ausente". Ela está certa. Mas no salmo 34, Davi afirma que, embora Deus pareça ausente, isso não significa que ele assim esteja de fato. Lembrando-se da época em que sua vida corria grande perigo e tudo parecia perdido, Davi conclui: "O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado; ele salva os de espírito arrependido" (v. 18).

Escrevo este livro porque descobrimos em nossa própria vida que isso é verdade.

A fornalha ardente e o plano para este livro

Então este é um livro para os que sofrem? Sim, entretanto precisamos fazer alguns esclarecimentos. Todos somos ou seremos alguém que sofre. Mas nem todos estamos enfrentando dores e sofrimentos profundos neste momento. Quem não está passando por sofrimento mas o vê na vida de outras pessoas terá muitas perguntas de caráter filosófico, sociológico, psicológico e moral a fazer sobre isso. Por sua vez, aqueles que estão presos às garras da dor e da dificuldade *neste momento* não conseguirão tratar a situação como uma questão filosófica. Não é fácil discorrer, num mesmo livro, sobre as questões de quem não sofre e também sobre as lutas de quem sofre. Embora o aflito talvez verbalize perguntas filosóficas: "Deus, por que permites essas coisas?", sua preocupação verdadeira é a sobrevivência pessoal. Como sobreviver a isso? Como atravessar a situação sem perder o que há de melhor em si mesmo? Conversar de maneira filosófica e fria com uma pessoa que sofre de verdade é cruel. No entanto, o sofrimento quase sempre gera inevitavelmente "grandes questionamentos" que não podem ser desconsiderados sobre Deus e a natureza.

Enquanto lia sobre o mal e o sofrimento, notei que a maioria dos livros tratava do assunto predominantemente de uma perspectiva apenas. Muitos abordavam a perspectiva filosófica, analisando o "problema do mal"

para ver se ele tornava a existência de Deus mais ou menos provável ou o cristianismo mais ou menos plausível. Outros adotavam uma abordagem teológica, garimpando e sistematizando todos os temas e ensinos bíblicos sobre a dor e o sofrimento. Havia ainda muitos outros livros que seguiam uma abordagem devocional, oferecendo uma série de meditações destinadas a ajudar pessoas em meio a sua dor. Encontrei também um pequeno número de artigos e livros cuja abordagem histórica e antropológica analisava como as diferentes culturas ajudavam seus membros a enfrentar dificuldades e provações. Quanto mais eu lia, mais claro se tornava que essas várias perspectivas esclareciam uma a outra e que qualquer tratamento que abraçasse um único ponto de vista deixava muitas perguntas sem resposta.

Portanto, dividi este livro em três partes, e cada uma recorre a instrumentos um tanto diferentes para analisar a questão. O fator que integra todas essas partes é a imagem do sofrimento como uma fornalha ardente. Essa metáfora bíblica é riquíssima. Como sabemos, o fogo é um símbolo bastante conhecido de tormento e dor. A Bíblia descreve provações e dificuldades como "andar através do fogo" (Is 43.2, NVI) ou "ardente prova" (1Pe 4.12, ARC). Mas ela também compara o sofrimento a ser "provado pelo fogo" (1Pe 1.6,7) como em uma *fornalha* ardente. O conceito bíblico de fornalha tem mais a ver com o que chamaríamos de "forja". Qualquer objeto com esse grau de calor é, evidentemente, muito perigoso e potente. No entanto, se usado de forma correta, não causa destruição. Qualquer objeto, se colocado de maneira adequada na forja, pode ser moldado, refinado, purificado e até mesmo embelezado. Essa é uma perspectiva notável do sofrimento: se for encarado e suportado com fé, acabará nos transformando em pessoas melhores, mais fortes e mais repletas de bondade e alegria. Na verdade, então, o sofrimento pode jogar o mal contra o mal. Pode frustrar os propósitos destruidores do mal e fazer surgir, da escuridão e da morte, luz e vida.

Na primeira parte deste livro, analisaremos a "fornalha" pelo lado de fora: estudaremos o fenômeno do sofrimento humano e também como as diferentes culturas, religiões e períodos da história têm procurado ajudar as pessoas a enfrentar e atravessar o sofrimento. Examinaremos ainda o "problema do mal", questão clássica da filosofia, e quais respostas podemos oferecer. Como essa primeira parte do livro analisa muitos conceitos e estudos, a abordagem inevitavelmente será mais teórica. Isso é crucial para entendermos o contexto

mais amplo; entretanto, sinceramente falando, talvez pareça um pouco abstrato para quem esteja enfrentando uma adversidade.

A segunda parte do livro se distancia das questões mais teóricas e começa a digerir tudo o que a Bíblia afirma sobre o caráter do sofrimento. Essa parte inicia uma jornada que parte do filosófico rumo ao pessoal. Poderíamos até dizer que, assim como um pai faz com o filho pequeno, a Bíblia nos ensina a caminhar dando um passo de cada vez. Ela nos chama a caminhar com firmeza através das aflições, e para tanto precisamos entender seus ensinamentos maravilhosamente equilibrados e abrangentes sobre o assunto; são realistas ao máximo e, ao mesmo tempo, surpreendentemente cheios de esperança. Isso nos impede de achar que conseguiremos escapar da fornalha (evitá-la) ou atravessá-la o mais rápido possível (negá-la), ou simplesmente desistir (desesperar-se nela).

Por fim, a terceira parte do livro apresenta o material mais prático. Para a Bíblia, atravessar a "fornalha da aflição" não é questão de técnica. O sofrimento pode nos refinar em vez de nos destruir porque o próprio Deus caminha conosco no fogo. Mas como, de fato, caminharmos com Deus em tais circunstâncias? Como nos orientarmos em direção a ele de modo que o sofrimento nos transforme em pessoas melhores, e não piores? Cada capítulo é baseado numa estratégia principal para nos ligar a Deus na fornalha do sofrimento e da dor. Os capítulos não devem ser lidos como "passos" individuais a serem seguidos numa ordem estrita, mas como várias facetas ou aspectos de uma única ação — conhecer o Deus que afirma: "Quando passares pelas águas, eu serei contigo [...] quando passares pelo fogo, não te queimarás..." (Is 43.2).

Se você se encontra em meio à adversidade, talvez prefira ler as partes dois e três antes. Ali você encontrará uma surpreendente diversidade de maneiras para enfrentar o sofrimento, e verá que elas variam muito — às vezes até parecem se contradizer. Parte do brilhantismo da Bíblia como socorro aos que sofrem é sua abordagem rica, multidimensional. Ela admite uma enorme diversidade de formas, razões e respostas corretas para o sofrimento. Como exemplo das muitas possíveis respostas humanas à dor, incluí no final de alguns capítulos uma história verídica, escrita por alguém que deparou com o sofrimento e caminhou com Deus através dele. Essas histórias são ao mesmo tempo inspiradoras e realistas. A Bíblia não promete que o sofrimento será

completamente resolvido ou terá um "final feliz" nesta vida, mas essas histórias mostram como pessoas de fé têm lidado com vários tipos de sofrimento e caminhado através da fornalha com a ajuda de Deus. Elas nos levam a reconhecer a presença de Deus até nos momentos mais difíceis. Especialmente nos momentos difíceis.

Em uma das descrições talvez mais vívidas do sofrimento na Bíblia, no terceiro capítulo de Daniel, três homens fiéis a Deus são jogados numa fornalha que deveria consumi-los. No entanto, uma figura misteriosa aparece ao lado deles. Estarrecidos, os espectadores veem não três, mas quatro homens na fornalha, e um deles é parecido com "um filho dos deuses". Assim, os homens atravessaram a fornalha de sofrimento e não foram consumidos. Tendo a vantagem de conhecer o Novo Testamento, os cristãos sabem que a quarta pessoa era o próprio Filho de Deus, aquele que, séculos mais tarde, enfrentou a própria fornalha de aflição infinitamente maior na cruz. Isso eleva o conceito do Deus que "caminha conosco" a uma dimensão totalmente nova. Em Jesus Cristo, testemunhamos que Deus vivencia o sofrimento do fogo da mesma maneira que nós. Ele é verdadeiramente o Deus *conosco*, em amor e entendimento, em nossa angústia.

Ele se lançou em nossa fornalha para que, quando depararmos com o fogo, voltemo-nos para ele e saibamos que não seremos consumidos, mas sim transformados em pessoas extraordinárias e belas. "Eu vos abençoo, convosco estarei. / Pra santificar-vos, a dor usarei".[11]

[11] *How firm a foundation*, hino de John Rippon, 1787, tradução de Fabiano Silveira Medeiros (*Que firme alicerce dos santos de Deus*).

PRIMEIRA PARTE

ENTENDENDO A FORNALHA

UM

As culturas do sofrimento

"De que adianta continuar?", meu pai perguntou no leito de morte.

Treinando para o sofrimento

O sofrimento parece destruir tantas coisas que dão significado à vida, que pode parecer impossível até mesmo seguir em frente. Em suas últimas semanas de vida, meu pai enfrentou uma série de doenças fatais e dolorosas de uma vez só. Ele teve insuficiência cardíaca e três tipos diferentes de câncer, enquanto lutava contra cálculos biliares, enfisema e dor ciática aguda. Um dia ele perguntou a um amigo: "De que adianta continuar?". Meu pai estava doente demais para fazer as coisas que davam sentido à vida — então, por que continuar a viver? No funeral, esse amigo nos contou que, de modo gentil, havia feito meu pai se lembrar de alguns temas importantes da Bíblia. Se Deus o mantinha vivo era porque ele ainda podia ajudar as pessoas que o cercavam. Por amor a nós, Jesus foi paciente em meio a sofrimentos bem mais intensos; então, por amor a ele, podemos ser pacientes em meio a sofrimentos bem menos intensos. E o céu compensará tudo. Essas breves palavras, pronunciadas em espírito de grande compaixão, conectaram meu pai novamente às crenças bíblicas que ele conhecia há anos. Restauraram-lhe as forças da alma para enfrentar seus últimos dias de vida.

Mais adiante, examinaremos em detalhes esses recursos que a fé cristã nos proporciona; agora, contudo, só precisamos entender isto: nada é mais importante do que aprender a manter uma vida com propósitos em meio à adversidade da dor.

Uma das formas mais importantes de as culturas servirem a seus membros é ajudando-os a enfrentar males terríveis e infortúnios. Max Scheler, teórico social, escreveu: "Um aspecto essencial dos ensinamentos e diretrizes dos

grandes pensadores religiosos e filosóficos do mundo é *o significado da dor e do sofrimento*". Scheler afirma que cada sociedade escolhe uma versão desses ensinamentos, a fim de oferecer a seus membros "instruções [...] de como enfrentar corretamente o sofrimento, de como sofrer de forma apropriada (ou deslocar o sofrimento para outro plano).[1] Sociólogos e antropólogos têm analisado e comparado as várias maneiras ensinados pelas culturas a seus membros para lidarem com o sofrimento, a dor e a perda. Quando se faz essa comparação, geralmente se observa que a cultura ocidental secular contemporânea em que vivemos é uma das mais fracas e deficientes da história nesse aspecto.

Todo ser humano é impelido por "uma compulsão interior a compreender o mundo como um cosmo dotado de sentido e a se posicionar diante dele".[2] E o mesmo acontece em relação ao sofrimento. O antropólogo Richard Shweder escreve: "Ao que parece, os seres humanos querem ser edificados por seus infortúnios".[3] O sociólogo Peter Berger afirma que todas as culturas oferecem uma "explicação que dá significado à experiência do infortúnio e do sofrimento".[4] Observe que Berger não disse que somos ensinados a considerar

[1]Max Scheler, "The meaning of suffering", in: H. J. Bershady, org., *On feeling, knowing, and valuing: selected writings* (University of Chicago Press, 1992), p. 98.

[2]Trata-se do teórico social pioneiro, Max Weber, citado em Christina Simko, "The rhetorics of suffering", *American Sociological Review* 7 (6): 882. Veja Weber, *The sociology of religion*, tradução para o inglês de Ephraim Fischoff (Beacon Press, 1963), capítulo IX: "Theodicy, salvation, and rebirth", p. 138s.

[3]Richard A. Shweder; Nancy C. Much; Manamohan Mahapatra; Lawrence Park, "The 'big three' of morality (autonomy, community, divinity) and the 'big three' explanations of suffering", in: Richard A. Shweder, org., *Why do men barbecue? Recipes for cultural Psychology* (Harvard University Press, 2003), p. 74.

[4]Peter Berger; Brigitte Berger; Hansfried Kellner, *The homeless mind: modernization and consciousness* (Vintage, 1974), p. 185. Nessa obra e em *The sacred canopy: elements of a sociological theory of religion* (Anchor, 1967) [edição em português: *O dossel sagrado* (São Paulo: Paulinas, 1985)], Berger segue Max Weber no uso da palavra *teodiceia* para descrever essa característica de cada sociedade ou cultura, a saber, um modo de atribuir significado ao sofrimento da pessoa. No entanto, como foi originalmente cunhado pelo filósofo Gottfried Leibniz, o termo significava "justificando as atitudes de Deus na esteira da tragédia". Tradicionalmente, *teodiceia* significa uma defesa da realidade de Deus contra o argumento de que o pecado e o sofrimento são provas de que ele não existe. Veja Peter van Inwagen, *The problem of evil: the Gifford lectures delivered in the University of St. Andrews in 2003* (Oxford University Press, 2006), p. 6-7 e notas de rodapé. Em minha opinião, é mais adequada a aplicação da palavra no sentido original e mais teológico de Leibniz, do que no sentido que Berger dá a ela.